

Fim-de-Semana



MONIZ DE ALMEIDA

Perpetuar os Irmãos Almeida

Em dois dias de viagem pelo legado musical dos Irmãos Almeida, Moniz de Almeida e companhia apresentaram-se em grande no Show do Mês. O showman e exímio bailarino, ainda ressentido pela morte do irmão, Beto, em 2013, fez, em exclusivo para este caderno, uma leitura da sua vida e da dos seus irmãos.

Horóscopo**Carneiro** de 21/03 a 20/04

Foco no que interessa, que a semana tem tudo para ser maravilhosa. Busque o prazer, divirta-se fazendo o que precisa ser feito. Céu favorável ao amor, a vida social e a criatividade. Vale a pena começar alguma coisa nova e fazer com que a vida fique mais leve e feliz.

**Touro** de 21/04 a 20/05

A semana é ótima para viagens e estudos, conversas e negociações. Mas evite gastar sem ter planeado. É hora de ter mais consciência sobre o que você quer, quais são os seus valores e prioridades, e o que de fato quer para a sua vida. Feito isso, sente-se, planeje melhor, ajuste a rota e siga em frente.

**Gêmeos** de 21/05 a 20/06

A semana é ótima para viagens, para fazer coisas novas e conhecer lugares diferentes. Você pode se sentir mais leve e pronto para se colocar em movimento. Ótimos dias para encontros, com a promessa de boas conversas. Mais ânimo, energia e vigor à disposição.

**Caranguejo**

de 21/06 a 21/07

Mas não adianta sofrer demais por isso. Faça uma limonada de cada limão que a vida te oferecer. Você pode enfrentar alguns desafios que têm a ver com contratempos, imprevistos e mudanças nos planos. E perceba que os resultados e facilidades também existem. Foco neles.

**Leão**

de 22/07 a 22/08

Os assuntos da casa e da família podem pedir mais atenção. Comece algo novo. É hora de dar um novo passo, de tomar iniciativa, ser mais criativo e fazer alguma coisa acontecer. Cuide mais de você, viva a sua vaidade, brilhe nesse momento de vida. O Sol e o céu iluminam você neste momento, aproveite.

**Virgem**

de 23/08 a 22/09

Repense as suas amigas e tente estar perto apenas de quem faz bem para você. Olhe para dentro. Tem muita coisa acontecendo dentro de você e pode ser a sua oportunidade de ter mais consciência sobre as suas emoções e pensamentos e também para resolver conteúdos internos e até questões do passado.

**Balança**

de 23/09 a 22/10

Uma ótima semana para cuidar melhor das suas finanças. Semana ótima para estar com os seus amigos, e fazer coisas em grupo, reunir a equipa, preferir fazer tudo em parceria. Os assuntos de trabalho pedem uma atenção extra porque há risco de perder prazos ou ter conversas mais desafiadoras.

**Escorpião**

de 23/10 a 21/11

A semana favorece as novidades. Os holofotes estão voltados para você, nesta semana que promete mais visibilidade e sucesso! O céu da semana pede atenção ao trabalho: foco no que é mais importante e faça os seus projectos decolarem. Coloque mais energia naquilo que quer muito que aconteça.

**Sagitário**

de 22/11 a 21/12

A semana pede mais atenção à sua vida espiritual, e isso inclui mais conexão com a sua intuição. Semana boa para viajar, e também para estudar e fazer coisas novas. É hora de olhar para o futuro e fazer novos planos, renovando as suas expectativas. Mas antes de fazer grandes mudanças, pense duas vezes.

**Capricórnio**

de 22/12 a 20/01

Uma ótima semana para estar com os seus amigos. Uma ótima semana para as mudanças. Tente fazer alguma coisa diferente, sair da rotina, se reinventar. Um bom momento para as suas relações, que podem ficar mais próximas, apesar do risco de conversas mais difíceis e profundas.

**Aquário**

21/01 a 19/02

O céu da semana é bom para cuidar dos assuntos de trabalho, e ainda que algum contratempo apareça, isso tende a te estimular e a sua criatividade é a sua melhor aliada. Um céu que coloca você mais próximo das pessoas que fazem parte da sua vida. Cuide bem de cada relacionamento.

**Peixes** de 20/02 a 20/03

Na vida afectiva não ceda a pressões. Peça um tempo para pensar, se for necessário. Organize a sua rotina, e pense no que pode ser feito para melhorar a sua produtividade, a saúde, a qualidade de vida. Alguma novidade do trabalho o pode motivar. Estudos são muito bem vindos nesse momento.

País**Cidade de Moçâmedes**

A cidade de Moçâmedes, capital da província do Namibe, completou no passado dia 4 de Agosto, 170 anos desde a sua fundação, em 1849. A cidade foi chamada Angra-do-Negro e posteriormente Moçâmedes, nome proveniente do Barão de Moçâmedes, na altura com uma grafia diferente da actual (Mossamedes). A história diz que o seu povoamento por populações não autóctones começou por volta de 1839, mas só em 1849 se deu início à exploração organizada das riquezas da região, com a chegada dos primeiros colonos vindos do Brasil. Toda a sua trajectória pode ser encontrada em sítios históricos como Alfândega do Namibe, Cadeia Militar de S. Nicolau, Bentiaba, Capela de Nossa Senhora do Mundo, Capela da Praia Amélia e a Capitania do Porto do Namibe.

Fazem anos esta semana**Octávio Pedro Capapa**

Detentor de uma voz de reconhecido mérito a nível do jornalismo angolano, Octávio Pedro Capapa dispensa apresentação para muitos dos ouvintes da Rádio Nacional de Angola (RNA) e da Rádio Luanda. Actualmente ligado a Rádio Luanda, durante décadas Octávio Capapa integrou o leque restrito do grupo de jornalistas que fazia o programa "Angola Combatente", que narra a história de guerra nas diferentes partes do país. É o autor dos slogans, "Olha a Hora" e "Avisa os teus amigos". Nasceu no dia 12 de Agosto.

Yara Simão

Jornalista da Edições Novembro, Yara Simão é uma das penas que ao longo das últimas décadas tem vindo a conquistar o seu espaço com reportagens excepcionais, no *Jornal de Angola*. A simplicidade e a generosidade, fazem da jovem jornalista uma profissional com uma carreira promissora. Amiga dos seus amigos e devota da Igreja Metodista Unida, Yara Simão nasceu no dia 12 de Agosto.

**Adolfo Luemba**

Integrou o primeiro leque de jovens que frequentou o primeiro curso médio de jornalismo nas Instalações do Instituto Médio de Economia de Luanda (IMEL), na década de 90. Adolfo Luemba nasceu em Luanda, no dia 12 de Agosto. Tem as suas impressões digitais na única agência angolana de notícias do país, a ANGOP.

**Adriana Rosada**

Oficial do Serviço de Migração e Estrangeiros (SME) destacada na província de Benguela, Adriana Rosada nasceu na cidade de Menongue, província do Cuando Cubango, no dia 13 de Agosto. Colocada actualmente na Secção de Informação e Análises, Adriana Rosada é uma figura sempre prestável para quem embarca e desembarca no aeroporto da Catumbela, província de Benguela.

**Saiba****António Ole**

Artista plástico, fotógrafo e realizador angolano, António Ole nasceu em 1951, em Luanda. Descendente de famílias portuguesa e angolana, Ole fez parte, em 1974, da equipa Contrato Popular, um programa radiofónico, e foi aceite, em 1975, como realizador de programas na Televisão Popular de Angola, cobrindo, nesse mesmo ano, as celebrações do 11 de Novembro, em Luanda.

Ainda em 1975, formou-se no American Film Institute, em Los Angeles (EUA) e, entre 1981 e 1985, estudou cultura afro-americana e cinema na Universidade da Califórnia (EUA), onde obteve o diploma do Center for Advanced Film Studies. Fez vários documentários e vídeos sobre a vida e história de Angola, como *Os Ferroviários* (1975), *Aprender* (1976), *Carnaval da Vitória* (1978), *Sonangol: 10 Anos Mais Forte* (1987), entre outros. De salientar, ainda o filme *Ngola Ritmos sobre o popular grupo musical angolano*.



Inspirado no passado e presente de Angola, António Ole aborda sobretudo as temáticas da colonização, da guerra civil, da fome, dos conflitos sociais, da explosão demográfica em Luanda. Quanto ao seu trabalho como fotógrafo, o artista começou por fotografar famílias angolanas retratando os seus numerosos elementos e mostrando certos temas metaforicamente.

António Ole faz montagens fotográficas, intitulando-as "Acidentes pelo caminho", ou desenvolve o seu projecto "Sal", onde fotografa vários aspectos da extracção e uso do sal como matéria-prima. Uma outra série de fotos recorrentes, são as fotos-paredes, nas quais foca a sua objectiva para muros ou fachadas arruinados.

Como artista plástico, Ole cria esculturas inspiradas nas pinturas murais dos Tchokwe, a leste do país, e produz pintura moderna, cuja originalidade está vinculada pelos elementos tradicionais utilizados. Em 1970, aos 19 anos, chamou a atenção do público e da crítica para a sua pintura, quando, no IV Salão de Arte Moderna de Luanda, expôs um quadro representando o Papa Paulo VI a tomar a pílula.

Realizou a sua primeira exposição em 1967 e desde a sua estreia internacional, no Museum of African American Art, em Los Angeles, em 1984, os seus vários trabalhos têm sido apresentados em várias exposições, bienais e festivais. António Ole, um dos artistas angolanos cuja reputação se estendeu além fronteiras. Vive e trabalha em Angola.

FLAY

A voz que canta a Catumbela

Foi nas entranhas do lendário Bairro da Corimba, nas imediações do antigo Hotel Costa do Sol, que encontramos Joaquim Lopes da Silva Neto, conhecido nas lides musicais como Flay. Homem de carácter humilde, destemido e que encarna a Catumbela, desde pequeno Flay sonhava ser cantor. Mas antes jogou futebol e basquetebol, foi bailarino e por fim fez teatro

Ferraz Neto

Aos 47 anos, Flay é um homem que vive e revive a Catumbela e guarda momentos memoráveis da sua infância e adolescência. Cresceu no Bairro do Cambambe, interior da Catumbela, mas as contingências da vida o conduziram ao Bairro da Vila, onde passou a viver, primeiramente em casa da tia Rita Lopes e depois de Teresa Lopes. Ambas irmãs do seu falecido pai, António Lopes da Silva.

Diz o ditado popular que filho de peixe é peixe. A paixão pela música e a dança são dois elementos que sempre estiveram na génese de Flay. Ele lembra que na adolescência a residência familiar, no Bairro da Cambuta, estava frequentemente apinhada de familiares e de pessoas amigas, ávidas em ouvir boa música e saborear as iguarias da casa.

O pai, António Lopes da Silva, possuía um gira-disco, e, por intermédio do seu padrinho, Joaquim Lopes da Silva, em pleno terraço da residência familiar, aproveitavam as tardes e os finais de semana para ouvirem o

que de melhor havia no mercado musical.

Flay cresceu a ouvir sons de nomes como Artur Adriano, Carlos Burity, Matadidi Mário, Samangwana, Prince 7 e de tantos outros músicos nacionais e estrangeiros que faziam sucesso na época. Esse tipo de convívios moldou-lhe a personalidade e o tornou num exímio apreciador de música.

“Lembro-me que desde criança comecei a ouvir e a gostar de música”, desvendou Flay.

Não tardou muito para que experimentasse praticar o que via e ouvia. Na década de 80 bandas musicais constituídas por adolescentes despontavam e faziam sucesso em Angola e no exterior.

A banda Os Impactus 4, criada em 1982 na província de Benguela, constituída por quatro irmãos, nomeadamente Jorge, Alcino, Yola e Iduina Semedo e a fama de José Manuel Jorge Machado, ou simplesmente Mamborró – autor dos sucessos “Mamborró das Garotas”, “Vovô Samba”, “Cajueiro” e “Guida” – estimularam o seu ímpeto musical.

Flay sonhava e acreditava que estava no caminho certo. Apesar da distância existente entre as localidades da Catumbela e Lobito, Joaquim Lopes da Silva Neto driblava todos os obstáculos para ouvir cantar e ver actuar os Meninos do Lobito, como eram chamados os Impactus 4. Após cada espectáculo, maior era o seu sonho de ser músico.

Homem das mil e uma facetas Apesar de, desde pequeno, a música ser a sua sina, Flay mostrou ser um homem versátil. Da caminhada inicial até a sua afirmação como músico, passou por várias actividades e testes. Ora, na adolescência, foi um exímio bailarino de dança tradicional e dança moderna. Nas actividades extracurriculares ninguém o aguentava.

Outra das facetas do autor do sucesso “Sassa Mutema”, e que foi determinante para o êxito da sua projecção nacional e solidificação da carreira a partir de 1997, é a de futebolista. Vestiu a camisola do clube União da Catumbela, onde passou por todos os escalões até atingir os seniores. Mas a música falou mais alto

e abdicou do futebol.

Pendurou as chuteiras mais cedo. Filho de família humilde, aos 12 anos tornou-se num dos expoentes máximos do grupo carnavalesco Os Bravinhos da Vitória. Primeiro como bailarino e mais tarde como tocador de bатуque. A ginga e a sagacidade fizeram com que fosse seleccionado pelo mais-velho Mário Santos a fazer parte do grupo carnavalesco principal dos Bravos da Vitória.

Por causa da dança, tornou-se num dos impulsores do grupo Voga, que mais tarde deu origem à banda musical Voga – que significa “estar na moda” – no ano 2000. Por causa da insatisfação e do bichinho da música, voltou a abdicar da dança e do desporto. Por alguns instantes a voz de Flay afrouxa para depois dizer alto e em bom som: “Senti que era a música que mandava no meu coração”.

Depois de ter passado pelo futebol, de ter sido bailarino e actor de teatro, deu início, na plenitude, à sua carreira de cantor. Mas necessitava de uma marca, única e exclusiva. Em 1988/1989 escolheu o pseudónimo artístico Flay. Tudo começou na escola. “No autógrafo que dei para uma colega, a Nina, escrevi Flávio-Fly. Mais notei que havia inconsistência e decidi pela marca Flay”.

Mesmo assim, a adaptação ao novo pseudónimo foi difícil, custou bastante. Para desacreditar os mais cépticos optou em fazer uma tatuagem num dos braços, com o pseudónimo Flay, acompanhado pela data de nascimento. Na dúvida, mostrava a tatuagem e tudo era dissipado. Não demorou muito para enfrentar o verdadeiro teste como músico.

O Clube Merengues da Catumbela, no Bairro do Caputo, foi o seu primeiro balão de ensaio. Acompanhado pelo agrupamento os Kilambas, Flay foi um exímio imitador. Cantou e fez cantar quem lá esteve. O caminho artístico de Joaquim Lopes da Silva Neto estava traçado.

Anos mais tarde, é convidado a fazer parte do elenco artístico da 1ª edição do Festival da Canção da Catumbela. Flay volta ao palco, mais uma vez com grande sucesso. Já não imitou. Compôs a sua primeira canção, “Catumbela”, que retrata as potencialidades turísticas da região. Foi um tremendo sucesso.

Decidiu aperfeiçoar o seu instinto musical. A gula em conhecer pessoas que o pu-



EDIÇÕES NOVEMBRO

dessem guindar às altas lides musicais levou-o a Luanda. De férias escolares, viaja para Luanda e conhece de perto os autores das músicas que faziam furor nas diferentes casas nocturnas de Luanda e nas rádios.

Em busca da afirmação

Destemido, Flay aterra na capital do país e realiza uma ofensiva musical imparável. Objectivo específico: conhecer os principais actores das noites luandense. Por conta das diligências, estabelece contactos com figuras que, à época, faziam parte do top das principais estações rádiográficas de Luanda e no exterior de Angola.

Eduardo Paim, Moniz e Beto de Almeida, Nelo Paim, Maya Cool, Dom Kikas, Chico Madne e tantos outros nomes, foram visitados e ouviram os seus designios. Coube a João de Assunção aceder ao seu pedido: gravar. Em casa de João de Assunção, o Menino da Catumbela grava pela primeira vez as suas primeiras composições, “Com Doçura” e “Leilão”.

“As músicas foram registadas num gravador de cassette”, disse. Tratou-se de um feito memorável e estava cumprida a primeira etapa da sua deslocação a Luanda. De regresso às origens, Flay empreende outra operação de charme: divulgar as suas músicas e conquistar mercado.

Com um gravador na mão, em cada contacto físico ou verbal fazia questão de tocar as composições gravadas com auxílio de João de Assunção. Foi capaz de usar as suas características físicas distintas e a sua jovialidade e habilidade inata para ultrapassar as adversidades.

A resposta não tardou. A primeira grande oportunidade surge: espectáculo na

Feira de Benguela, que juntou nomes conhecidos de Benguela e de Luanda, com realce para Mamborró e o pai dos integrantes da Banda Impactus 4. O show foi um êxito estrondoso e a marca Flay ganhou espaço para voar.

Da banda para o mundo

Em 1993, Joaquim Lopes da Silva Neto pela primeira vez respira de alívio. Por intermédio do mais-velho Vieira, ex-integrante dos Bongos, o autor de “Lena” é convidado a fazer parte da Banda KS. Foram dois anos de trabalho inigualável. Mas as suas ambições levaram-no a actuar com Nelo Paim, num espectáculo na sua terra natal.

Com um repertório limitado, Flay recorreu ao acervo musical da banda cabo-verdiana Livity. Tornou-se no homem da noite. Bafejado pela sorte, e como se isso não bastasse, recebeu o convite para regressar a Luanda e gravar. Mas um senão condiciona a sua saída: era integrante da Banda KS.

Convenceu os colegas e seguiu para Luanda. Quis o destino que o sucesso estivesse logo a espreita. “Assim que gravei, comecei logo a fazer sucesso e não mais regressei”.

Os temas “Com doçura”, “Leilão” e “Garina” passaram a tocar muitas vezes nas rádios e discotecas. A fama estava confirmada.

Em 1996 as canções abriram-lhe caminho para outros patamares. Nessa caminhada conhece Moniz de Almeida, de quem se torna amigo. A este conhecido cantor juntaram-se outros nomes, com os quais passa a colaborar, como José Maria Boyote, Banda Zimbo, Clara Monteiro, Nila Borja, Dog Murras, Gabriel Tchiema, Turbo de Almeida, entre outros.

Flay no íntimo

Nome completo: Joaquim Lopes da Silva Neto.

Data de nascimento: 08/05/72.

Naturalidade: Catumbela, província de Benguela.

Filiação: António Lopes da Silva e Avelina Afonso Maquina.

Estado civil: “Ainda sou casado, mais vivo maritalmente”.

Nome do cônjuge: Maria Antónia Jamba Bastos.

Filhos: 5.

Marca de perfume: “Tenho vários”.

Marca de roupa: “Uso o que me serve e fica bem”.

Marca de sapatos: “Não tenho preferências”.

Cor predilecta: Preto.

Defeito: “Frontalidade. Não gosto de falsidade.”

Prato preferido: Arroz com feijão e peixe frito.

Passatempo: “Não tenho. Gosto de ficar em casa”.

Livro: “As Aventuras de Ngunga”, de Pepetela.

Tem casa própria?: “Não tenho. Estou prestes a resolver esse problema”.

Tem carro próprio?: “Não. Já tive”.

Sente-se realizado?: “Sempre. Faço o que amo”.

Sonhos: “Depois de ter passado o que passei, as vicissitudes na minha carreira e que afectaram a minha vida pessoal, o meu sonho é somente a realização da minha família e ter casa própria”.

Ano que mais o marcou:

“Na negativa, de 2003 até 2007.

Mas Deus já fez justiça por mim”.

Está desaparecido artisticamente...:

“Não. O país é que parou artisticamente. Con-

tam-se os artistas que têm espectáculos ininterruptos. Estou há 11 anos como integrante da banda da Brigada da Força Aérea Nacional (FAN). Nos últimos dias tenho estado a participar em projectos de pequeno vulto. Tenho uma parceria com Kelly Silva, no projecto Mesa de Bar”.

Vive exclusivamente da música?:

“Sim. Vivo só e apenas da música. Tenho um ordenado e desconto para a Segurança Social. Não tenho outra fonte de rendimento senão a música. A FAN é o meu porto-seguro”.

Qual é a sua fonte de inspiração?:

“No início da minha carreira foram Os Impactus 4. Nas minhas composições, inspiro-me na forma melancólica de cantar de Jacinto Tchipa”.

A mãe e os seus irmãos:

“Sou de uma família muito vasta. Sou o primogénito do meu pai, num universo de sete irmãos. Não cresci com os meus pais, mas com os meus avós paternos. Daí ter muitos irmãos, que são os meus primos”.

O seu timbre de voz é confundido com o de Beto de Almeida...:

“É verdade e acho natural. Tive muita sorte, em conhecer e partilhar momentos com os irmãos Almeida. Viajei para várias províncias e fizemos projectos como o Pomba Branca. É natural que assim aconteça. Tenho vivências boas e más com os irmãos Almeida”.

Trajectória estudantil:

“Estudei a Iniciação na Ganja, numa escola que hoje tem o nome do escritor Raul David. Depois transferi-me para a escola Augusto Ngungula, onde frequentei o Primeiro Ciclo. Estudei também na escola Dangereux, onde frequentei o Segundo Ciclo e o Terceiro Nível fiz na escola Heróis de Mavinga. Fiz um interregno por razões de saúde e já em Luanda dei sequência do médio em Ciências Económicas e Jurídicas”.

SHOW DO MÊS | NOVA ENERGIA



IRMÃOS ALMEIDA NO SHOW DO MÊS

Eles continuam vivos...

Foram dois dias de viagem ao legado musical dos Irmãos Almeida, assente na Kizomba, Semba, Sungura, Soukous e outros ritmos que fazem a cabeça e provocam o requebrar a muito boa gente. Moniz de Almeida apresentou-se no Show do Mês em grande, como nos bons-velhos tempos, quando tinha a companhia em palco do seu irmão Beto de Almeida. O showman e exímio bailarino contou com a parceria de Jojó Gouveia, artista que é um excelente intérprete de canções na voz de Beto de Almeida

Analtino Santos

Nas duas noites, para ilustrar musicalmente os temas mais marcantes dos Irmãos Almeida, começaram por bater o “Vigarista”, para fechar numa roda de Ombala ao ritmo da Sungura em “Morainha”.

A segunda música, “É duro”, até parecia reconfortar Moniz de Almeida. Trata-se de um tema que apesar de romântico tem enredo adequado não só para quem perde o seu grande amor, mas a sua própria metade, restando-lhe apenas saudades. Edson Macedo foi assertivo ao escrever, a propósito: “É duro” ouvi-lo cantar e interpretar sem fecharmos os olhos e vemos o Beto ali, no palco, com aquele sorriso que o caracterizava, mesmo quando estava triste”.

Para o momento seguinte, outra vez a opção pelo realismo de Edson Macedo: “Paciência”... terceira música em palco mostrando que a letra tem a ver muito com o nosso momento, uma das particularidades dos Irmãos Almeida em serem tão actuais como foram nos anos

80, quando tal como hoje perguntávamos ‘vou comer então aonde’”.

No “puro love” saíram “Senta mais um pouco” e “Amor melaço”. Este último tema emergiu da pena de Rey Webba, tornando-se o sucesso do primeiro álbum dos Irmãos Almeida, “Kimbanda”. E de seguida “Kusukula os adobe”, um dos primeiros sembas produzidos pela dupla, dedicado aos curibotas que afirmavam que ambos fumavam liamba.

O primeiro “medley” surgiu com “Angola vai vencer”, a popular “Chuta a bola”, cujos desígnios nos tempos actuais estão longe de acontecer, com os desaires dos Palancas Negras: diferente da época eufórica do Mundial 2006, hoje só dão tristezas, que o diga o jornalista Honorato Silva, porventura o mais acutilante crítico da actual gestão da FAF. E como o nosso futebol está a precisar do feitiço do Cuando-Cubango, “Kimbanda” logo a seguir caiu perfeitamente.

Moniz ainda teve tempo para uma viagem ao seu passado nas “Terras do Fim-do-

Mundo”, hoje rebaptizadas “Terras do Progresso”, recordando a infância e o momento da circuncisão. E fez uma revelação: a irmã Leonor ficava sempre a frente nos concursos de música infantil e foi com a viola da mana que a história musical de Moniz e Beto de Almeida começou a ser moldada. Com “Mamã”, agradecimento aos progenitores, e “Uria”, Benny e Hugo, os dois homens dos teclados, capricharam bastante.

O momento para os temas de intervenção social estava bem montado. De facto o povo continua a sofrer muito e a vida está cada vez pior, como no tempo das mudanças democráticas, segundo foi cantado em “Sofrimento”. E o salário continua coxito, como cantaram em “O chefe é que manda”. No meio foi interpretado o tema em umbundu “Sulemwe”, que segundo Moniz também é picante.

Um dos grandes poetas e compositores em umbundu, segundo descendentes do Vié e do Wambú conhecedores dos provérbios das ombalas do Planalto Central,

Sabino Henda foi o escolhido para cantar a comovente “Vamue Vando”. O tema, que retrata o período difícil do conflito armado pós-eleitoral, foi bem apreciado, com altas patentes e dirigentes outrora desavindos na plateia a fazerem o coro. Sabino Henda fechou a sua actuação com “Embrião”, obra-prima que mostra toda a sua poeticidade, como filosofou Mesquita, o mestre do silêncio, num dos poucos momentos em que soltou a sua voz.

“Keta” muito esperada

O cenário estava preparado para uma das “ketas” mais esperadas, “Minha Viola”. Uma emoção geral encheu a sala, todos foram Beto de Almeida e, como em “Vamue Vando”, foi um momento sublime. Faltam palavras para reportar o que aconteceu ao som de “Minha Viola”.

Bem dentro da chuva musical dos Irmãos Almeida, já na parte final, ouviram-se os acordes de inquietação de uma relação em “Tormento”, e de polémica em “Ficar com as duas”: pela vibração das senhoras presentes, até pa-

receu que aprovam esta situação e que gostam mesmo de homens “ambi”. A jovem Neide da Luz não foi apenas corista, deu o toque inicial em “Yara”, mais um tema que narra a história de um coração despedaçado.

O primeiro grande sucesso de Moniz de Almeida, “Tio Zé”, fez estremecer a sala de espectáculo, com a mensagem dos vários Zés a ser revivida. A animação estava em alta e nada melhor para continuar este clima com a música “África”. Do nada surgiu uma das principais estrelas do Planalto Central, Bessa Teixeira, que sem piedade fez singuilar toda a sala com “Sulula”, uma interessante recolha de provérbios umbundu, com a personagem Suzana sendo a grande protagonista.

A boa energia contagiou até os mais sérios, os tais que não suportam os mais espontâneos nas vibrações, ou seja, aqueles que “não podem perder a postura”. Os três últimos números musicais ajudaram ao exorcismo. O antepenúltimo tema trouxe maka na sanzala, por causa

da beleza da “Guilhermina”, e logo a seguir outro makongo em “Ngapa”.

E para o fecho “Morainha”, um sungura para levantar poeira e “tirari calore” como os bailarinos dizem lá nas bandas onde o ritmo anima as Kizombas, entenda-se festas. Moniz aí soltou-se de todo o “cachet” e confirmou que tem um rebolar e um requebrar de ancas de dar inveja a muita dama. Jojó Gouveia, o bwé pausado, seguiu “bala” e não se ficou pelos toques de caxexe.

Foram duas grandes noites em que, mais uma vez, Teddy Nsingui justificou por que é dos mais requisitados solistas da praça. Yark Spin, na guitarra ritmo, não passou despercebido. Mias Galheta seguiu bem o baixo e nos Sunguras navegou na sua escola, o Nkembo. O puto Jack, na bateria, está a consolidar a sua trajectória. Xico Santos, mestre nos tambores, partilhou a percussão com o promissor Alexandre, que a par de Hugo Macedo, nos teclados, foram os reforços da Banda de Moniz de Almeida.

MONIZ DE ALMEIDA EM DISCURSO DIRECTO

“Tenho de perpetuar os Irmãos Almeida”

“Estava a preparar-me para a nova realidade, cantar sem a presença do Beto de Almeida. Houve uma fase em que voltei a cantar mas não em grandes espectáculos, eram actividades restrictas. Agora sim, estou de volta, felizmente tenho o Man Lamas, o meu agente que está a dar um grande apoio. Eu fiquei muito fora do circuito e ele está por dentro, é um amigo.

Hoje ganhei uma grande força e sei que a música não pode parar, pois tenho de perpetuar o nome Irmãos Almeida. As pancadas que apanhei, ficar sem dinheiro e a fome deram-me mais forças para continuar, estou com grande motivação

Foi um período muito difícil, cheguei a pensar em desistir. Adão Filipe, Pedrito dos Versáteis, Flay, Freddy, Sabino Henda, dentre outros amigos e familiares, deram-me forças para continuar. Na altura estávamos a preparar um disco e depois estávamos a pensar em fazeremos discos individuais. Foi tudo tão de repente. Estávamos em Kaluquembe a nos preparar para uma actividade, quando o Beto caiu no período do matabicho. Fomos a Namíbia, mas infelizmente perdemos o Beto.

Eu comecei na canção infantil, passei também pela trova, durante um período era a grande referência no Cuando-Cubango, mas depois optei por Luanda, cheguei a ser colaborador da Rádio Nacional de Angola na época da directora Maria Luísa Fançony. Quando cantei “Tio Zé” foi quase na inocência do que via em Luanda. Falei de um nome e não acho que a mesma seja de intervenção, na altura apenas queria cantar.

Música de intervenção

Mas tarde cantei “Sulumwé”, que já é mais ou menos de intervenção. Tenho outra que dizia que eu choro o sofrimento do mundo, falo que fui à guerra e perdi a perna, este tema concorreu ao Top dos Mias Queridos, representando o Cuando-Cubango.

As músicas mais interventivas, primeiro “Sofrimento”, que inspirou “Paciência”, que por sua vez deu lugar ao “Chefe é que manda”, são autênticas leituras dos problemas que vivíamos. Mas não somos apenas artistas de intervenção, temos também temas educativos e o amor está muito presente.

“Ficar com as duas”, música que até foi proibida de tocar em algumas estações, não é um apelo a promiscuidade, na altura não era para aconselhar a ter este comportamento, contamos apenas a estória de alguém que estava nesta situação e não conseguia sair dela porque encontrava qualidades numa, que a outra não tinha, as duas se completavam. As pessoas entenderam mal, tanto é que ficamos em segundo lugar no Top dos Mais Queridos.

Nós somos dos artistas mais importantes de Angola, nós somos activistas, vamos para a luta, não temos problemas se vão tocar nas rádios, colocamos as músicas para chamar a atenção das pessoas, corremos risco de muitos problemas e até de irmos presos, o que cantamos é o que o povo vive e sente.

Na Kizomba e no ressurgimento do Semba, quando começamos a fazer músicas, tinha bebido dos Kassav, das músicas angolana, congoleza, italiana, e tentamos fazer uma música que não atingisse apenas os angolanos. Nós fizemos muita Kizomba, o Semba não era muito a nossa praia, mas em Luanda apostamos bem forte e penso que “Ngapa” e “Guilhermina” são dos melhores sembas produzidos. O primeiro Semba, “Kimbanda”, foi-nos dado pelo Ferreira, agora comandante da Polícia em Menongue.

O primeiro Irmãos Almeida eram Sérgio de Almeida, Leonor de Almeida e Moniz de Almeida, o Beto era pequeno. O segundo era constituído por Moniz e Beto e chegamos a introduzir o Turbo.

Eu nasci no Bié em 1969, mas os meus pais vão dar aulas no Cuando-Cubango e lá nasceram a Leonor, o Beto e o Turbo.

Somos activistas, por isso fizemos um projecto com o Ministério do Ambiente, preocupamo-nos com a protecção das espécies e o meio ambiente. A guerra e a paz tocavam a todos nós, por isso estivemos engajados nos projectos “Pomba branca” e “Angola vai vencer”.

Geralmente os arranjos são nossos, ambos compúnhamos. Não pegava a boleia do Beto, tudo foi pensado ao detalhe, aproveitando as potencialidades de cada um, tínhamos de ser completos. Mas nós nunca nos preocupamos

com o que as pessoas falavam, eu faço o que quero e gosto. Poucos sabem mas eu continuo a trovar e sou um grande guitarrista, solo e ritmo, em “Morainha” e noutros temas eu toco. Nós tocamos e por isso a nossa música ficava completa, fazíamos todos os arranjos e isto poucos sabem e falam.

Aprendi guitarra apreciando Francó e Bob Marley. Os clássicos da música ovimbundu são outra influência, mas ainda não explorei grande parte do material que escutei e tenho. Existem alguns temas que, possivelmente, sairão no próximo disco. Não tiramos a música de raiz, porque ela nem sempre é benvinda, antigamente fazíamos música com alma, mas agora é complicado, porque senão as panelas apagam. A nossa música é rica e devemos aproveitar os mais-velhos que ainda estão vivos, temos estilos que muitos não conhecem.

Eu, felizmente, ainda cantei à volta da fogueira com os meus avós. Essa vivência toda é que fez que saísse o “Morainha”. O meu pai foi magaiça, ou seja, trabalhou nas minas na África do Sul e trouxe de lá um aparelho Ngumba Ngumba onde eu escutava as músicas do Quénia.

Neste momento estamos focados na tournée Irmãos Almeida, que começou com o Show do Mês. Vamos trabalhar com vários artistas e amigos. O Jojó Gouveia é muito forte e tem muita semelhança com a voz do Beto de Almeida. Teremos outros artistas: Kristo, Kelly Silva, Flay, Sabino Henda...

“Minha Viola”

A música “Minha Viola” foi muito usada pelo poder político e militar. Quando cantamos essa música éramos jovens e não sabíamos da repercussão que viria a ter. Depois fomos incutidos a dar a cara pelo processo de mobilização. Reafirmo que a música não foi encomendada. Apanharam uma grande boleia, porque falava “levarei uma viola lá na frente do combate” e servia perfeitamente. Mas olha que a música foi usada aqui e do outro lado, fiquei a saber disto agora, os dois lados usaram a música. Uma outra música, “Vamue Vamu”, teve o mesmo efeito. Aproveitaram para falar dos seus interesses, mas nós cantamos o que vivíamos e sentíamos.”



PARCERIA CULTURAL ENTRE OS PROJECTOS RAÍZES E GLOBO DIKULO

Artistas angolanos e brasileiros estreitam laços



Um grupo de 22 artistas brasileiros esteve desde 10 de Julho até a passada terça-feira a realizar um ciclo de formação, acções sociais e actividades culturais em quatro províncias de Angola, nomeadamente: Luanda, Bengo, Benguela e Huambo. De acordo com o presidente da Associação Globo Dikulo, Orlando Domingos, a vinda dos artistas brasileiros teve como principal objectivo o intercâmbio com artistas angolanos, no sentido de fortalecer os laços culturais entre os dois países

Manuel Albano

Durante a estadia no país, explicou Orlando Domingos, os artistas brasileiros deram formação em diversas áreas, com a realização de palestras, apresentações gratuitas para comunidades dos municípios do Cazenga e Cacucaco, em Luanda, Barra do Dande no Bengo, Bailundo no Huambo e em Benguela. O grupo, frisou, esteve composto por historiadores, escritores, actores, professores, músicos e produtores culturais.

De acordo com Orlando Domingos, o ciclo de intercâmbio conta com o apoio do Colectivo Ombaka, em parceria com a Banga Artesanato, de Benguela, os Caçadores de Excelência, do Bailundo, a Associação Palancas Negras e o Consulado Geral de Angola em São Paulo, Brasil.

A Globo Dikulo, sublinhou, foi responsável pela logística e permanência de todos os brasileiros envolvidos no projecto, que também fizeram visitas de turismo a locais históricos,

participaram em rodas de conversa com artistas e produtores culturais locais, deram cursos de economia criativa, criação de oficinas de música, teatro, literatura e dança, participaram em espectáculos de dança e música, lançamento de livros, amostras culturais e foram prelectores em workshops sobre marketing pessoal e coaching de carreira, com direito a certificado para os participantes.

Numa estimativa, disse Orlando Domingos, todos os dias foram formados mais

de 30 jovens em diferentes áreas, no Centro de Formação Anim'Arte, situado no município do Cazenga.

Olhar diferente sobre África
A pesquisadora e escritora Tereza de Fátima Mascarin, em declarações ao *Jornal de Angola*, enalteceu a iniciativa dos projectos Raízes do Brasil e Globo Dikulo de Angola, que permitiram aos brasileiros terem contacto directo com a realidade sociocultural do país. Durante a estadia em Angola, a também representante da cul-

tura Ganza no Brasil, disse que a ideia foi, juntamente com os seus contemporâneos brasileiros, promover e trocar experiências com as comunidades do município do Cazenga sobre a história transatlântica dos afro-descendentes, principalmente dos angolanos levados das suas terras de origem para outros continentes.

As similitudes culturais entre os dois povos, afirmou, são logo visíveis através dos ritmos e das danças angolanas, suas alegrias, emoções

e espontaneidade. A mestre em Humanidades, professora, escritora e bailarina Ana Lúcia de Camargo, enquanto esteve no país, aproveitou para fazer o lançamento de algumas obras literárias, na perspectiva de partilha e intercâmbio cultural.

Outra proposta apresentada foi a experiência do "Curso e Workshop de Economia Criativa", onde as pessoas, através dos seus conhecimentos e vivências, começam a desenvolver planos de auto-sustenta-

bilidade através da economia criativa e participativa, explorando as mais diversas disciplinas artísticas.

Conhecer a ancestralidade

Ana de Oliveira, especialista em Marketing Pessoal e Coaching de Carreira e professora de inglês, falou durante a palestra sobre a importância de se desenvolver projectos incorporativos, tendo como visão a economia criativa para sustentabilidade dos programas artísticos.

O ter conhecido a sua ancestralidade foi, para Ana de Oliveira, um encontro com as origens, que serviu para desmistificar conceitos e imagens distorcidas que são transmitidas dos afri-

canos. “Saio do país com várias experiências. Aprendi mais do que transmiti, o que vai me ajudar a reanalisar o meu posicionamento com o continente”.

Madu Costa trouxe a sua experiência como escritora e historiadora. Membro do projecto sociocultural “As Yabás”, em Minas Gerais, disse que aproveitou para fazer o lançamento de algumas obras suas, dos 15 títulos que já publicou, e para organizar “Rodas de debates”, como forma de utilizar elementos do sentido, dentro das artes. “Aproveitamos a oportunidade para ajudar a despertar o gosto pelas artes e descobrir novos talentos”. O professor de educação infantil Vinícius

Alves da Silva afirmou que trouxe para partilhar com os angolanos as suas experiências como actor e director do grupo de teatro “Quilombo” e professor de dança do projecto “OKUM”. Durante as oficinas trabalhou sobre as vivências como actor e bailarino, na forma como são feitas as pesquisas afro-brasileiras e ameríndias como propostas de criações artísticas. De acordo com o mesmo, a ideia foi mostrar como essas culturas tradicionais podem auxiliar a preparação do artista na exploração corporal e da voz, bem como na montagem de textos dos encenadores baseados na cultura popular. Bastante emocionada, a professora de teatro e actriz

Chica Reis abordou a questão dos conceitos artísticos construídos sempre com base no contexto perceptivo europeu e nunca na visão da afrodescendência, criando choques culturais. Embora reconheça diferentes formas de olhar as artes, segundo disse, é possível partilhar experiências culturais na diversidade.

Projecto de resgate cultural

O coordenador do projecto Raízes, Isidro Sanene, responsável pela vinda dos artísticos brasileiros, fez um resumo do projecto formado por jovens artistas, académicos e activistas africanos residentes no Brasil. Explicou que o seu principal objectivo é a promoção e elevação da

cultura africana naquele país, valendo-se do apoio da lei de incentivo à cultura e do programa VAI II, patrocinado pela Secretaria Municipal de São Paulo, que juntou uma colectânea de textos literários que resultou na obra “Negras de lá, negras daqui”.

Dentre a construção e massificação das múltiplas artes e cultura africana, o projecto, adiantou, se destaca com maior amplitude em actividades ligadas à literatura. Isto é, promover a literatura africana e a integração cultural de todos os povos, para incentivar e divulgar a possibilidade dos imigrantes terem acesso às políticas públicas culturais no Brasil.

Raízes, disse, surge para facilitar o acesso às expressões culturais dos países africanos e contribuir com o resgate histórico e cultural do continente africano. “Queremos mostrar uma nova África por meio dos artistas”.

A troca de experiência, disse, serviu igualmente para abordar a preparação de um sarau, roda de conversa e os procedimentos necessários para um escritor angolano conseguir lançar um livro no Brasil. “São essas trocas de experiências que vão ajudar a consolidar as relações sociais e culturais. No Brasil, em alguns estratos sociais, ainda há a ideia de se pensar que África é um país e não um continente”.

DR



LIVRO DO GENERAL PEDRO DE PEZARAT CORREIA

“...da Descolonização Do protonacionalismo ao pós-colonialismo”

Esta obra é da autoria do senhor general Pedro de Pezarat Correia. Ela é o produto da sua tese de doutoramento, concluída com distinção e louvor na Universidade de Coimbra, em 2017, aos oitenta e cinco anos de idade. Este feito simboliza garra, determinação, denodo e sentido do dever. De resto, é um exemplo a seguir, sobretudo, para os que estão na carreira docente-educativa

Miguel Júnior*

O general Pedro de Pezarat Correia foi um dos artífices do Movimento das Forças Armadas (MFA) e membro do Conselho da Revolução durante a vigência do processo revolucionário em Portugal. É académico há anos e é detentor de produção académica relevante.

Esta obra, “...da Descolonização - Do protonacionalismo ao pós-colonialismo”, possui setecentas e sessenta e sete páginas, duas partes e vinte e dois capítulos. Esta é a estrutura adoptada pelo autor face às questões objecto de investigação. Na primeira parte há oito capítulos e na segunda parte há catorze capítulos. E a obra contém dois prefácios. Um é da autoria do escritor Artur Pestana (Pequetela) e o outro é do próprio autor da obra. Gostaria de sublinhar, de antemão, que estamos perante uma obra de elevado pendor histórico e com uma abordagem transversal. Tanto mais que as reflexões do autor abarcaram aspectos históricos, políticos, estratégicos, geopolíticos, geográficos, sociológicos, de guerra e defesa e segurança.

Esta obra é uma viagem no tempo histórico mas olhando para o devir dos povos. Este trabalho resulta de uma análise retroactiva e crescente com o propósito de municiar os leitores com informações e factos históricos relativos ao colonialismo e às descolonizações portuguesas. Esta obra destina-se a avivar as mentes e a lembrar o percurso das lutas dos povos das antigas colónias portuguesas pela emancipação política e pela dignidade.

O objectivo desta obra é “contribuir para a clarificação epistemológica e histórico-política da problemática da descolonização em geral e das colónias portuguesas em particular”. Esta obra visa esbater também alguns “equivocos” relativos aos processos de descolonização das colónias portuguesas em África e no Extremo Oriente. E identificar, sobretudo, a

“participação portuguesa nesse processo [mas] encaixada sob um ponto de vista português”.

É verdade que esta obra se destina a demover equívocos que se levantam sobre a colonização e a descolonização portuguesas do ponto de vista do autor, mas também é verdade que há factos sobre a colonização e a descolonização portuguesas que não constam desta obra por força das exigências académicas e da delimitação do próprio objecto de investigação. Também há que ter presente que em reflexões académicas desta natureza, como é evidente, o que conta é a objectividade social.

Por isso cada “autor esclarece um elemento, põe em relevo alguns traços, considera certos aspectos. Quanto mais numerosas são estas contribuições, estas apreciações, tanto mais a realidade infinita se liberta dos seus véus. Todas estas apreciações são incompletas, todas são imperfeitas, mas todas contribuem para o progresso do conhecimento (Adam Schaff, 2000, p.234)”.

Também não há obras acabadas nem obras que abarquem o conjunto dos factos históricos. Os factos devem ser trabalhos em permanência para, por via disso, surgirem novos factos históricos e novas evidências históricas. Esta é a realidade no domínio da História.

Penetrando no âmago desta obra, importa destacar que o autor começou com o enquadramento conceptual do seu trabalho. Na verdade, o enquadramento é digno de boa nota e é conseguido. E além de estar bem, o autor evitou sobremaneira a tentação do estado da arte. No domínio da historiografia, de maneira geral, não há estado da arte. Em História prevalece a descrição, mas assente numa explicação lógica e coerente.

Agora os conceitos operatórios são essenciais porque facilitam o entendimento e fazem escorrer a análise. Por isso o primeiro passo do autor foi criar as bases para escal-

pelizar os conceitos de colonização e descolonização. É preciso partir do princípio que colonização e descolonização são componentes do “mesmo fenómeno histórico”. Esta interpretação de partida do autor também é correcta porque o “fenómeno é o produto da análise do acontecimento”, conforme ensina Marc Bloch.

Nesta senda e para melhor sustentar a validade dos conceitos de colonização e descolonização, o autor recorreu-se das ideias e das teorizações dos pais fundadores da geoestratégia e da geopolítica. E também valorizou as concepções doutrinárias das três renomadas escolas clássicas do pensamento geopolítico e geoestratégico.

O autor explicou que “a colonização e a descolonização se desenvolveram no contexto da intercessão do poder e do espaço, da política e da geopolítica, da estratégia

e da geoestratégia”. Mas esta argumentação do autor, de valorizar a intercessão entre poder, espaço, política, geopolítica, geoestratégia e estratégia enquadra-se melhor na ideia da colonização e menos na ideia da descolonização. Na verdade, o autor esgrimiu bem o seu argumento pois essas ferramentas foram essenciais, para corporizar as ideias e dar vida aos projectos de colonização. Mas é preciso acrescentar outras experiências de grande relevância histórica, que acicataram muito mais os projectos coloniais ocidentais.

Um dado foi o avanço do Islão e o bloqueio que ele impôs aos ocidentais no espaço do Mediterrâneo. Esse bloqueio foi económico, comercial e naval, o que obrigou a Europa a alterar o seu discurso e a procurar vias alternativas. Ou seja, o Mediterrâneo era o centro do mundo e tudo passava por esse ponto. Isso sucedeu an-

tes do primeiro ciclo de colonização Ocidental. As viagens de exploração e circum-navegação foram, em parte, as respostas às atitudes ofensivas do Islão nesse período histórico.

Também o Islão colonizou alguns espaços na Europa e isso passou a constar dos registos históricos. De resto, “o último Estado muçulmano na Europa Ocidental” só se desintegrou em 1492 (Anderé Corvisier, 1976, p.25). E o dado seguinte é o uso da força e o desencadeamento de guerras para impor a vontade do colonizador. No fundo, o pensamento estratégico mais as experiências acumuladas ao longo dos tempos facilitaram os projectos coloniais ocidentais nos três ciclos de colonização.

Situação inversa

Relativamente à descolonização, a situação é inversa. Isto porque determinados domínios coloniais em África,

na Ásia e nas Américas só conheceram as suas interdependências mediante as lutas armadas. Noutros casos, os colonos abandonaram as possessões à sua sorte. Noutros casos, os colonizadores tiveram tempo e condições para operar mudanças mas não tinham um discurso estruturado. De maneira geral, a intercessão entre poder, espaço, política, geopolítica, geoestratégia e estratégia não se enquadra muito bem no contexto da grande maioria das descolonizações. Mas também tiveram lugar algumas descolonizações que se enquadravam, de forma clara, nessa perspectiva estratégica. Isso é verdade e o autor está certo.

No prosseguimento da análise desta obra também identificámos que o autor esmerou-se a explicar o fenómeno da colonização desde as origens até à história da colonização portuguesa. Depois o autor fez uma in-

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



curso digna de nota em relação à descolonização. É palpável o esforço do autor em sistematizar esse assunto, partindo das ideias de vários pensadores, políticos, nacionalistas, líderes dos movimentos de libertação, escritores, cientistas e historiadores. Por fim, o autor desembocou na génese do nacionalismo africano, dando destaque ao espaço colonial português. O autor também se deteve a explicar o percurso do nacionalismo nas colónias portuguesas, mencionando o princípio do século XX como o marco para o despertar e o ponto de partida dos processos de descolonização. Por isso, o autor foi ao enalço das raízes do protonacionalismo no espaço ultramarino português e prosseguiu a sua incursão até à tomada de consciência por parte dos nacionalistas.

Nesta fase tudo estava pronto para a luta política mas o poder colonial ignorava pura e simplesmente o clamor dos nacionalistas. Essa insensibilidade do poder colonial, segundo o autor, foi uma “oportunidade perdida”. Por isso o autor chegou à seguinte constatação: “A determinação nacionalista e independentista assumira uma dinâmica irreversível e a violenta repressão do poder colonial empurrou-a, sem remédio, para o patamar da luta armada, que viria a evoluir para uma prolongada guerra de libertação” (p.113). Estamos perante uma constatação correcta do autor.

De seguida, o autor trata da guerra colonial. Mas, no começo deste ponto, o autor aborda a guerra colonial e a guerra de libertação sem fazer a distinção entre ambas. É importante diferenciar a natureza dessas guerras, numa edição revista e aumentada, pelo seguinte. A guerra de libertação nacional é o conjunto de acções armadas e políticas de um movimento de libertação para derrubar um sistema colonial, ditatorial ou opressivo. A guerra colonial é entendida como um conjunto de esforços políticos, económicos e de defesa e segurança de um poder colonial e suas instituições para aniquilar militarmente o oponente armado ou demovê-lo dos seus objectivos políticos, de modo a facilitar uma manobra política e uma solução negociada. No fundo, estamos perante duas formas distintas de guerra devido aos objectivos políticos que cada parte persegue numa guerra.

No decurso da análise sobre a guerra colonial, no entanto, o general Pizarat Correia destaca o seguinte: “A guerra colonial acabou por se virar contra o próprio regime que a desencadeara e tornou-se o ‘nó górdio’ da descolonização, que era preciso desatar, ou cortar num golpe de imaginação para que o processo de descolonização avançasse. Ao 25 de Abril e ao Movimento das Forças Armadas (MFA) viria a caber, aí, um importante papel” (pp.115-116).

Isto significa dizer que no interior das linhas das Forças

Armadas Portuguesas havia uma força estruturada e que também lutava contra o regime fascista. Por isso, a sua incumbência era tirar partido da situação que a guerra colonial tinha engendrado, de modo a reverter o quadro em Portugal e abrir as portas para a descolonização nos territórios ultramarinos. Essa força era o Movimento das Forças Armadas. Este movimento resultou do elevado sentimento patriótico e da visão estratégica de uma franja significativa de portugueses devido ao quadro crítico que prevalecia na metrópole e às guerras no ultramar. Portugal estava perante um impasse e era preciso desbloquear a situação. E o mérito coube ao Movimento das Forças Armadas mais aos movimentos de libertação. De resto, Agostinho Neto considerou o Movimento das Forças Armadas como o “quarto movimento de libertação nacional”.

Uma vez identificada a realidade no seio das Forças Armadas Portuguesas, vamos seguir essa trilha e avançar com outras considerações. A atitude do Movimento das Forças Armadas é um acto cuja explicação advém da história política e institucional de Portugal. Ou seja, as intervenções das Forças Armadas Portuguesas na vida política do país começaram no século XIX. Neste século as Forças Armadas colocaram no poder os liberais e no início do século XX caucionaram o surgimento da República. Depois, nos anos vinte, elas colocaram a ditadura no poder. Durante a vigência dessa ditadura as Forças Armadas fizeram várias tentativas para derrubá-la e restaurar a vida política plural em Portugal, mas com pouco sucesso.

O caso mais sonante foi, entretanto, a tentativa de golpe de Estado de Abril de 1961, denominada também como a “Abrilada de 1961”. A ideia desse golpe era depor o regime salazarista, mas redundou num fracasso. Nos anos setenta as Forças Armadas intervieram noutra patamar de organização e conseguiram derrubar a ditadura fascista de Salazar e Caetano. À luz desta realidade histórica portuguesa, as Forças Armadas foram, até ao 25 de Abril, uma força de transformação e inovação no contexto da vida interna, segundo alguns historiadores portugueses.

Ainda na esteira da guerra o autor explicou as lutas de libertação nacional nos três teatros de guerra (Angola, Guiné e Moçambique), bem como evidenciou as estratégias das Forças Armadas Portuguesas no sentido de conter essas guerras. Na sequência descreveu cada teatro de guerra e avançou detalhes sobre as suas particularidades, bem como avaliou os meios dos guerrilheiros e os das Forças Armadas Portuguesas. O autor também mencionou que no decorrer da guerra, no caso particular de Angola, já se fazia sentir a “guerra civil” pelo “facto de a guerra co-



lonial colocar nacionais dos movimentos de libertação contra nacionais incorporados nas Forças Armadas Portuguesas e nas Forças Auxiliares (Grupos Especiais, Tropas Especiais, Flechas, Milícias, Pisteiros, etc.)”.

Esta extrapolação no sentido de remeter esse quadro para a guerra civil não faz sentido porque esses indivíduos estiveram ao serviço do Estado colonial português, como estiveram milhares devido à condição colonial. Por outra também não faz sentido os argumentos de alguns autores, mencionados na obra, que sustentam a ideia de que a africanização do serviço militar, por parte das Forças Armadas Portuguesas, também se revela como um catalisador da violência no contexto pós-independência.

O mais correcto é sublinhar as contradições entre os três movimentos durante a luta de libertação. E mesmo essas contradições só eram indicadores potenciais de crise e somente isso e nada mais. A guerra civil em Angola exige uma análise mais esmerada. Aliás, o autor enumerou as causas da guerra e de outras tantas situações da página 526 à página 533.

Ainda relativamente à guerra colonial, o autor fez uma incursão longa para explicar o impacto da guerra no seio da sociedade portuguesa e os seus efeitos nos domínios político, económico e de defesa e segurança. O autor examinou as mudanças no plano interno e as pressões no plano internacional. Depois analisou algumas dinâmicas que se fizeram sentir no seio das Forças Armadas Portuguesas devido à guerra, tendo realçado aspectos de organização, comando e empenho das tropas no terreno. Tudo isso potenciou o surgimento de uma organização colectiva de militares que criou as

condições para o “Movimento dos Capitães, tendo evoluído para Movimento das Forças Armadas”, conforme já mencionámos. Mas o general Pedro de Pizarat Correia encerrou este ponto sobre a guerra com a seguinte constatação: “[O] regime colonial tinha, estrategicamente, perdido a guerra.” Esta asserção conclusiva é perfeita pois é no nível estratégico onde se ganham ou se perdem as guerras.

No prosseguimento da sua incursão histórica o autor também prestou atenção à situação do 25 de Abril de 1974 e aos desenvolvimentos decorrentes daí, quer em Portugal quer em cada uma das possessões ultramarinas. Portugal estava perante a descolonização mas o quadro era tumultuoso e cinzento. Portugal estava inseguro e sem uma definição.

Face à situação, os militares das Forças Armadas Portuguesas exerceram pressões e neste sentido os “núcleos” do Movimento das Forças Armadas na Guiné, em Moçambique e Angola jogaram um papel preponderante no sentido de desbloquear a situação. O II Governo Português inverteu a situação em meados de 1974 e promulgou a Lei 7/74. Esta lei reconheceu o direito à autodeterminação e à independência dos territórios ultramarinos portugueses.

Depois tiveram lugar as negociações com os representantes dos movimentos de libertação de cada colónia africana para a transferência das soberanias, em função das particularidades locais. Na sua análise, o autor deteve-se, entretanto, a estabelecer a diferença entre as possessões africanas e orientais do ponto de vista da descolonização. Segundo o autor, nas possessões orientais não “houve descolonização mas transferência de domínio colonial” (p.709).

Agora na segunda parte desta obra, o autor dedicou especial atenção à situação de Angola, considerando-a como o “rubricão da descolonização”. Por isso, o autor arrolou os factos e se deteve a analisar a situação do 25 de Abril até aos Acordos do Alvor em Janeiro de 1975. E desta data até ao 11 de Novembro de 1975. Em abono da verdade, o senhor general Pedro de Pizarat Correia fez revelações inéditas sobre o processo de descolonização de Angola. Também esclareceu outras tantas situações e fez críticas áspersas em nome da verdade dos factos históricos. Esta atitude é correcta porque o autor participou directamente em todo o processo atinente à descolonização. Também é natural que assim seja porque as reflexões académicas possuem esse condão crítico em

relação às realidades sociais, políticas e históricas.

Ainda assim, o autor descreveu a guerra e as suas dinâmicas, bem como as implicações internas, regionais e internacionais. O autor prosseguiu, entretanto, a análise e passou em revista os factos políticos e de guerra de 1975 a 1991, momento em que se rubricou o Acordo de Bicesse. Também fez questão de abordar a situação de 1992 a 2002, quando se alcançou a paz efectiva no território angolano.

Chegamos ao fim da nossa viagem pelos labirintos da história da colonização e da descolonização portuguesas. Temos diante de nós um livro importante e com informações úteis.

**Mestre em História Militar e Ph.D. em História*



“SUGADORAS DE DINHEIRO”

Pelas estradas da terra

Uma boa agropecuária demanda estradas, uma circulação segura e rápida também. As estruturas metálicas para as pontes ganham ferrugem. As bases prontas para receber alcatrão ganham buracos. O tráfego que já foi fácil é sacrilégio. E, como poucos decisores por lá passam, nem o recado da estrada aos gabinetes chega

Soberano Kanyanga

Bem o título podia ser “pelas estradas rebatidas da vida” ou “neve de poeira”. Cada viagem é única, singular, prenhe de descobertas. Luanda ao Dondo já deu azar e prazer. Curto prazer nos poucos dias em que se aproximava a via expressa com separador no eixo central. Sol de pouca dura. Voltaram ao “ais” do antigamente. Gritos de homens torturados pelos equilíbrios e desequilíbrios da máquina resmungante e “ais” do carro que se bofoa e tritura.

Até a terra, triturada pela passagem sem fim de viaturas, também solta seus gritos em busca de socorro. E me vem à memória o motorista filipado das FAPLA que ignorava o buraco na precaução de evitar um explosivo. Felizmente, já não se canta nem conta minas. Foram apagadas do vocabulário político-mediático. Apenas as estradas sugadoras

de dinheiro nosso e vidas nossas. Outro troço digno de anotação é o que nos leva de Kalulu à Kibala, paralelo à EN 240. Maior inteligência teve quem o traçou e quem decidiu, nos tempos de vacas hordas, alcatrão-lo, conferindo-lhe dignidade de via secundária de grande utilidade. Facilitaria a vida de quem se fizesse do sul ao norte, sem ter de passar pelo Dondo.

Kibala - Kalulu - Kabuta - Ponte Filomena - Ndalandu - etc. Uma boa agropecuária demanda estradas, uma circulação segura e rápida também. As estruturas metálicas para as pontes ganham ferrugem. As bases prontas para receber alcatrão ganham buracos. O tráfego que já foi fácil é sacrilégio. E, como poucos decisores por lá passam, nem o recado da estrada aos gabinetes chega.

Foi adentrando tal “atalho” entrecortado “kabucado asfalto, resto poeira, se revezando”, que matei a

curiosidade de há já quarenta anos, quase. Sempre me fiz a pé ou em meio rolante do Limbe (aldeia hoje inexistente) ao Lussusu (12 km) e do Limbe ao desvio para Munenga - Kalulu (26km). O que há em comum são os 42 km que separam o desvio da Munenga e o do Lussusu para Kalulu.

“Foi adentrando tal “atalho” entrecortado “kabucado asfalto, resto poeira, se revezando”, que matei a curiosidade de há já quarenta anos, quase”

- Mas, os brancos, quando construíram a vila, mediram as distâncias e meteram no meio a aldeia que cresceu para vila ou foi mera coincidência?



VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

A pergunta dos tempos de undenge persiste na cabeça de outros tundenge de hoje. A idade é a possibilidade,

apenas me permitiu conhecer a estrada pela qual (Lussusu - Kalulu) nunca havia frequentado. E deu para aferir

quanta serventia tem e virá a ter quando ela for valorizada e concluída. Há dinheiro apodrecendo à beira dos rios!

COMER EM CASA



Carne de panela com batatas

Ingredientes

- 1 kg de carne de bife (em cubos);
- 2 colheres de sopa de óleo vegetal;
- 2 colheres de sopa de cebola;
- 2 cubos de caldo;
- colorau e salsa a gosto;
- água e 5 batatas renas (cortadas ao meio).

Preparação

Numa panela de pressão, coloque o óleo e a cebola, até alourar. Junte a carne em cubos e deixe dourar por 15 minutos. Junte os 2 cubos de caldo e o colorau a gosto. Coloque a água até que cubra a carne (não deve ultrapassá-la). Ponha na panela pressão por 25 minutos. Retire do fogo e junte as batatas e a salsa. Coloque de novo na panela pressão por 5 minutos e depois sirva.



Pudim de pão especial

Ingredientes

- 5 a 6 pães;
- 1 litro de leite integral;
- 5 ovos;
- 1 colher de sopa de essência de baunilha;
- ½ lata de leite condensado;
- 1 colher de café de canela em pó.

Para a calda:

- 5 colheres de sopa de açúcar;
- ½ copo de água.

Preparação

Coloque os pães picados em pedaços de molho no leite por 2 horas. Esprema os pães e reserve o leite. Aqueça previamente o forno em temperatura média (170°C). Bata o leite e os ovos no liquidificador por 5 minutos. Ponha os outros ingredientes enquanto bate. Misture esse líquido ao pão. Para fazer a calda, leve 5 colheres de sopa de açúcar a fogo baixo até derreter. Acrescente ½ copo de água e ferva até o ponto de caramelo. Deixe esfriar. Unte uma forma. Por cima, jogue o caramelo. Coloque a mistura do pão e leve para assar em forno brando, em banho-maria.



Vitamina de banana

Ingredientes

- 3 bananas;
- 4 colheres de açúcar;
- 750 ml de leite frio.

Preparação

Num liquidificador, acrescente a banana, o açúcar e o leite. Bata tudo durante 5 minutos. Bom apetite.



FICHA TÉCNICA

Título
Fast & Furious Present:
Hobbs & Shaw

Lançamento: 2019

Género: Acção,
Aventura

Duração: 136 minutos

Director: David Leitch



EM EXIBIÇÃO

Zap Cinema
Morro Bento
Horário: a partir das 13h00

ALUSÕES

Evolução

De drogas até próteses sintéticas capazes de tornar os humanos melhores, a busca pela evolução e a perfeição ainda continua a ser um sonho a ser alcançado. Tal e qual como a procura pela imortalidade. Porém, os passos dados para se atingir tamanha meta, tendem ainda a ser algo além das expectativas da actual sociedade, assente em princípios morais, que põem em dúvida este propósito. A clonagem foi a mais recente prova deste objectivo e, mesmo assim, até hoje ela ainda é um tabu e considerada um crime, apesar de os seus defensores a verem como uma forma de evolução favorável.

Estereótipo

A criação de ideias fixas sobre um determinado grupo social continua a ser um dos maiores exemplos de discriminação que existe. Hoje em dia, com a aproximação criada pelas redes sociais, os estereótipos ganharam um novo tipo de dimensão, em que o alvo da depreciação passa de uma escala comunitária para global. É uma tendência errada, que tende a causar muitos danos, em especial nos adolescentes e jovens, assim como noutras camadas frágeis da sociedade, como as mulheres. A luta contra esta forma de pensar, que qualifica as pessoas com base em ideias preconcebidas precisa de ser eliminada urgentemente.

“VELOCIDADE FURIOSA: HOBBS & SHAW”

A melhor criação longe do original

De um grande êxito do cinema, surge uma derivação, que pode impor-se no mercado, pela forma diferente, humorada e dinâmica como consegue prender o público, desde os primeiros momentos até o último. Num filme que explora o lado humano

Adriano de Melo

Extraordinariamente divertido e dinâmico, para uma série que já vai no seu oitavo título, “Velocidade Furiosa: Hobbs & Shaw” é um filme totalmente inesperado, numa produção que parecia não ter mais algo inovador. Este novo capítulo é revigorante.

Desde os primeiros momentos, temos contacto com a acção, longe do habitual enredo de “Velocidade Furiosa” onde os carros predominam. Agora, os furiosos são duas estrelas do cinema, por acaso bem conhecidos dos filmes de acção e da própria série original, Luke Hobbs (Dwayne Johnson) e Deckard Shaw (Jason Statham).

Como não podia deixar de ser, as cenas de perseguição, agora envolvendo motos e carros de luxo (habitual nos filmes da série), voltam a ganhar vida, desta vez nas ruas de Londres e em Samoa, onde os fãs de automóveis antigos podem desfrutar



Acção e piadas não faltam nos encontros dos dois protagonistas

uma colecção de veículos antigos topes de gama.

Mesmo com as cenas de pancadaria e pura adrenalina, essa sequência de “Velocidade Furiosa” surpreende também com cenas engraçadas, bem enquadradas, e piadas construtivas. Não imagino melhor recomeço para uma série já quase em vias de extinção.

Embora focado num estilo, o da acção, o filme também é introspectivo e traz em abordagem temas muito actuais, como a dependência das novas

tecnologias e o facto de esta ser vista, em alguns sectores da comunidade científica, como o “futuro da humanidade”. O cyber-terrorismo também ganha espaço em algumas cenas, assim como a manipulação de dados pela imprensa e os perigos da sua influência nas sociedades modernas, erguidas numa era em que predomina a informação.

Além de lançar alertas para os riscos da dependência completa da tecnologia, o filme, como muitos outros do género

acção focados no futuro da humanidade, volta a trazer um inimigo de escala mundial: um vírus capaz de destruir a terra em meses. Com isso, mais uma vez, o realizador chama atenção para os riscos imediatos de uma eventual destruição em massa, um tema muito recorrente no cinema.

O próprio antagonista do filme (vivido por Idris Elba), que dá amostras de ter habilidades de interpretar (e muito bem) um vilão, é um exemplo da dependência tecnológica, que o torna invencível ao ponto de ser “o super-homem negro”, como ele mesmo afirma.

“Hobbs & Shaw” é uma produção nota dez, que merece cada crítica positiva que receber e todo o êxito nas vendas de bilheteira. Mesmo que alguns fãs, mais críticos, defendam que o filme não deveria ser enquadrado na série “Velocidade Furiosa”, por não ter a participação de Vin Diesel, este “spin-off” parece ter tudo para ter uma “longa vida” nos cinemas.

ALTOS



O encanto da derivação

É raro ver um “spin-off” que consiga superar a produção original. É um exercício que requer muita perícia, experiência e criatividade do realizador. “Hobbs e Shaw” é uma prova do que se pode obter quando o resultado é positivo. O seu sucesso nas vendas de bilheteiras mundiais mostra que muitos filmes não precisam de seguir necessariamente pelas sequências para darem continuidade a uma história. Poderiam começar a apostar mais neste género de produções.

BAIXOS



Efeitos especiais em algumas lutas

A revolução do cinema moderno é, entre muitas coisas, a melhoria dos efeitos especiais, a tecnologia que permitiu ao público enxergar um outro mundo de possibilidades. Em alguns filmes, sem importar o género, estes ajudam a dar um toque muito especial de magia, mas noutros nem tanto. O segredo, em parte, está na forma como os realizadores de Hollywood a usam. Neste “spin-off” de “Velocidade Furiosa”, a produção e o realizador David Leitch exageraram um pouco, principalmente em algumas cenas de “Hobbs & Shaw”, em que o público se pode sentir muito subestimado.

MBANZA KONGO

PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

PATRIMÓNIO ANGOLANO, AGORA DA HUMANIDADE

Mbanza Kongo é uma cidade secular com cultura rica e única que alberga construções históricas e vestígios da capital do antigo Reino do Kongo. A língua kikongo, a arquitectura, os rituais, os usos e costumes fazem parte do património Imaterial sociocultural da região e agora são património da humanidade.



Vestígios da Capital do Antigo Reino do Kongo
PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE



MINISTÉRIO DA CULTURA



O APLICATIVO DISPONIBILIZA PARA SÍ E PARA O MUNDO, A OFERTA DA NOSSA PRODUÇÃO NACIONAL.

FAÇA JÁ O DOWNLOAD!

SIMPLES, RÁPIDO E GRATUITO.



Disponível na
Google play



Disponível na
App Store



HISTÓRIA REAL

Onde se fala da onça que atacou um agente da Polícia

António Jacinto, poeta de fina verve e dono de uma prosa de estilo intenso e arrebatador, em alguns momentos da sua obra narrou, com a imaginação que lhe era própria, aspectos da rica tradição oral da região do Golungo Alto. Lembram-se das fábulas de Sange? Ou ainda de marcos geográficos e toponímicos como Kiaposse e Cambondo?

Isaquiel Cori

Terra de agricultores e também de caçadores, Golungo Alto, para lá da realidade do dia-a-dia, possui uma dimensão mítica que repousa na memória dos seus filhos (leia-se “Mário Pinto de Andrade – Uma Entrevista”, de Michel Laban) e no imaginário literário de escritores como o próprio António Jacinto ou Manuel Pedro Pacavira.

Foi a partir do centro do quotidiano golunguense, num animado almoço em casa do administrador municipal Toy Nené, que de repente tivemos a percepção aguda e vívida da dimensão mítica do Golungo Alto e do quanto o mito na verdade pode traduzir e até mesmo confundir-se com a realidade, e vice-versa.

Sange, a vila sede do Golungo Alto que encontramos, era um conjunto de edifícios antigos, coloniais, alguns de dois andares, com as estruturas bem conservadas mas a carecerem urgentemente de nova pintura. As ruas mantinham-se asfaltadas e limpas e os visitantes mais atentos e conhecedores dessas coisas da história e do

espírito dos lugares, como nós, pressentiam a caminhar naquelas ruas centenárias mercados de café que acabavam de depositar a sua carga preciosa em qualquer um dos armazéns junto a berma; e até “ouviam” o barulho das caravanas apressadas ante a iminente chegada do comboio...

“Toy Nené contou a história real do agente da Polícia Nacional Diogo Kimbango, que foi atacado por uma onça no dia 10 de Novembro de 2004”

Terra tão pequena, roubada à floresta muito presente, muito perto, muito assustadora, Golungo Alto espanta pela quantidade e a qualidade dos seus filhos que desabrocharam para o nacionalismo e a intelectualidade. Mas antes que nos desviemos demais do propósito deste texto, regressemos ao cenário do almoço, a residência do simpático e afável administrador do Golungo Alto.



Toy Nené contou a história real do agente da Polícia Nacional Diogo Kimbango, que foi atacado por uma onça no dia 10 de Novembro de 2004. Para melhor situarmos o leitor, que fique claro que estávamos em 2006, a guerra terminara há quatro anos. Eis a narrativa de Toy Nené:

“Uma onça caiu numa armadilha montada pelo caçador Manuel Kimbango, pai do agente da Polícia Nacional Diogo Kimbango. O caçador depara-se com a estranha presa e vai a correr chamar o filho. Este pega numa arma e, na companhia de outros familiares, dirige-se ao local da armadilha. A onça, entretanto, safara-se da armadilha e como que propositadamente montou uma emboscada aos caçadores. Deixou passar [atente-se ao verbo] todos os que iam desarmados e atacou precisamente Diogo Kimbango, o único armado. Atirou o agente e a sua arma para bem longe e logo a seguir investiu contra o pai, Manuel Kimbango. Corajosamente, Diogo, bastante ferido, arrastou-se até à arma e disparou três vezes contra o animal, que acabou por morrer”.

Para dar mais realce à história e como que para acabar com quaisquer restos de dúvida, Toy Nené, providencialmente, sacou, de um álbum, umas fotos onde aparecem Manuel e Diogo Kimbango, cheios de ferimentos e ligaduras, triunfalmente a guarnecerem o corpo sem vida da onça.

Curiosos, constatamos que essa história era mesmo verdadeira e corra e dominara Golungo Alto inteiro, da Cêrca a Kilombo Kiaputo, e de Sange a Cambondo. E ainda da Cacanga a Cabinda do Golungo. Era evidente que tínhamos de conhecer os heróis da história.

Infelizmente o agente Diogo Kimbango ausentara-se de Sange, a capital do município, mas conseguimos chegar à fala com o pai. Manuel Kimbango era um homem franzino que logo à primeira vista chocou-nos por contrariar a imagem agigantada que dele idealizáramos. Na cabeça e no pescoço apresentava ainda grosseiras cicatrizes, a prova do quão perto estivera da morte. Com mal escondido orgulho e de modo muito

“saboroso” contou-nos a sua versão da história.

“Quando fui ver a armadilha encontrei lá o ‘homem’. Saí a correr e fui buscar o meu filho Diogo. O Diogo disse que ia buscar mais polícias no Comando. Eu regressei para o sítio da armadilha e vi que o ‘homem’ continuava lá sentado. Voltei a sair ao encontro do meu filho, até que ele chegou, já armado. Fomos ter com o ‘homem’ mas ele já não estava no mesmo sítio. Tinha se escondido debaixo de uma palmeira. O ‘homem’ de repente atacou o Diogo, lhe arrumou no chão, lhe recebeu e deitou fora a arma. Os dois começaram a lutar no chão e o Diogo gritou: ‘Pai, vem me ajudar, eu assim mesmo já morri’. Fui a correr com a catana e lhe dei (ao ‘homem’, entenda-se, a onça) duas catanadas. Ao querer lhe dar a terceira catanada me recebeu e deitou fora a catana. Então começamos a lutar mão a mão. Ele me engatou na cabeça e eu disse: ‘Pronto, já morri!’. O Diogo afinal tinha se arrastado até junto da arma e disparou contra

o ‘homem’: ‘Pum, pum, pum!’. O ‘homem’ morreu e pronto, largou a minha cabeça. Lhe levamos até no comando municipal da Polícia e daí nós fomos levados para o hospital.”

Quanto ao resto da história os bravos golunguenses, pai e filho, viriam a saber já no leito hospitalar: os sobas, ante o insólito facto, oficiaram um ritual tradicional de apaziguamento dos espíritos da terra e o administrador municipal fez uma comovente exortação à população. A onça foi transformada em comida, depois de algumas providências especiais: o bigode, considerado veneno letal, foi queimado; os dentes oferecidos como relíquias ao comandante municipal da Polícia e ao administrador municipal; a pele foi conservada.

São histórias desta nossa terra de Angola, onde a verdade é fábula e a fábula verdade. Verdade mesmo verdadeira.

Nota: O animal em causa na verdade só pode ser o leopardo, pois a onça habita sobretudo no continente americano. Ambos são bastante parecidos.



Estreias (Cinemax)

Histórias Assustadoras Para Contar no Escuro

Estreia: 16 de Agosto
Atores: Zoe Margaret Colletti, Michael Garza, Gabriel Rush
Realizador: André Øvredal
Géneros: Terror

Sinopse:
Estamos em 1968 nos Estados Unidos e sopram ventos de mudança. Aparentemente muito distante da agitação das grandes cidades fica a vila de Mill Valley, onde paira há muitas gerações a sombra da família Bellows. Foi na mansão da família que Sarah, uma jovem com segredos terríveis, transformou a sua torturada vida numa série de histórias assustadoras escritas num livro que sobreviveu à passagem do tempo, histórias que se tornam demasiado reais para um grupo de adolescentes que descobre a aterradora casa de Sarah..



Angry Birds: O Filme

Estreia: 16 de Agosto
Atores: Peter Dinklage, Rachel Bloom, Bill Hader
Argumentadores: Peter Ackerman
Realizador: Thurop Van Orman
Géneros: Animação
Classificação etária: +6

Sinopse:
Quando surge uma nova ameaça, que coloca as Ilhas dos Pássaros e a dos Porcos em perigo, Red, Chuck, Bomb e a Super Águia recrutam a irmã de Chuck, Silver, declaram tréguas e formam uma aliança com os seus inimigos porcos. Leonard, a sua assistente Courtney e o informático Garry juntam-se assim à equipa formando uma improvável super equipa, com o objectivo de salvar as suas ilhas.

Era Uma Vez em Hollywood

Estreia: 16 de Agosto
Atores: Leonardo DiCaprio, Brad Pitt, Margot Robbie
Argumentadores: Quentin Tarantino
Realizador: Quentin Tarantino
Géneros: Drama, Comédia

Sinopse:
"Era uma vez...em Hollywood" de Quentin Tarantino tem lugar em Los Angeles de 1969, onde tudo está em mudança. Rick Dalton (Leonardo DiCaprio), estrela de TV, e o seu duplo de muitos anos, Cliff Booth (Brad Pitt), confrontam-se com uma indústria que já não reconhecem. O nono filme do argumentista e realizador apresenta um elenco extraordinário repleto de histórias que homenageiam os momentos finais da Era dourada de Hollywood.

Filmes

Submersos



Danielle e James encontram-se por mero acaso num hotel remoto na Normandia e apaixonam-se sem querer. Quando se separam, James é feito refém pelos Jihadistas e Danielle terá de mergulhar até ao fundo do oceano sem saber se James está vivo ou morto

Domingo - 09h30

Ilha dos Cães (V.O)



Atari, 12 anos, vive sob a tutela de Kobayashi, o corrupto presidente da câmara. Quando, por decreto, todos os cães da cidade são exilados para uma vasta lixeira chamada Ilha do Lixo, Atari parte sozinho à procura do seu cão de guarda, Spots...

Domingo - 07h10

Os Inventores



Quatro estudantes hispânicos formam um clube de robótica. Sem qualquer experiência, 800 dólares, partes de carro usadas e um sonho, esta equipa vai defrontar o campeão nacional de robótica: MIT.

Domingo - 08h55

Blade Runner - Perigo Iminente



Deckard é um 'Blade Runner', um polícia num futuro próximo que caça 'replicants', seres humanos artificiais.

Domingo - 07h10

Mais pequenos



A Patrulha Pata

A aventura e o espírito de missão continuam. Para estes heróis, todos os desafios são importantes e para superar. A coragem e o espírito de equipa estão sempre presentes.

Domingo - 11:00



A Irmã do Meio

No Meio Do Presente Perfeito - O Aidan dá um presente especial à Harley e ela fica radiante.

Domingo - 13:15



Nós, os Ursos

Para conseguirem dormir, os ursos ajudam um pássaro irritante a encontrar uma nova companheira.

Domingo - 15:15



O construtor e a sua equipa de máquinas estão sempre prontos a enfrentar novos projectos. À medida que vão trabalhando, demonstram o poder do pensamento positivo e do trabalho em equipa para resolver problemas.

Domingo - 17:00



Futebol

Petro-Matlama Football Club

EDIÇÕES NOVEMBRO



O Petro de Luanda defronta hoje, às 14h00, no Estádio Setsoto, em Maseru, Lesotho, a equipa do Matlama Football Club, em desafio a contar para a preliminar de apuramento à fase de grupos da Liga dos Clubes Campeões Africanos de futebol.

Hora: 14h00

Local: Estádio Setsoto, em Maseru, Lesotho
Na Tv: Zap

SÉRIES

Instinct T2

Um antigo agente da CIA (Alan Cumming) é atraído de volta à investigação quando a Polícia de Nova Iorque precisa de ajuda dele para conseguir parar um assassino em série..

Sexta-feira
16 de Agosto - 21h00
TVCine e Séries



Suits: Jessica Pearson

A advogada Jessica Pearson deixa Nova Iorque para trás para enfrentar a cidade de Chicago. A ex-sócia da Pearson Specter Litt está determinada a fazer a diferença, mesmo tendo de atravessar o mundo corrupto e intimidador da política de Chicago.

Sábado, 17 de Agosto - 22h00



Música



EDIÇÕES NOVEMBRO

Concerto intimista no Kubico do Jazz tem elenco de luxo

O Tripalus tem vários concertos agendados que também servem para preparar o primeiro Festival de Praia de Angola. Marcado para os dias 14, 15 e 16 de Setembro, o Tripalus Paradise Festival de Praia conta com um elenco de luxo diversificado, com destaque para os brasileiros Emicida, Funkeira e Ludmila, os angolanos Ary, Força Suprema, Mobbers, Gerilson Insrael, Nagrellha, Scro Que Kuia, Preto Show, Buirá, DJ Paulo Alves, dentre outras atrações num cartaz de tirar o fôlego. A casa realiza eventos de spoken world e é tida como um clube de Jazz. Pelo seu palco já passaram nomes como Selda, Totó ST, Afrikkanitha, Amosi Just A Label, dentre outros nomes da música com influências do Jazz.

**Tripalus
o Kubico do Jazz
Dias 14, 15 e 16**

Conversas em torno das Artes

O Memorial Dr. António Agostinho Neto arranca com o projecto “Conversas em torno das Artes em Angola” que visa contribuir para a promoção das artes, chamando especialistas em diversas áreas. Os temas a debater estão repartidos da seguinte maneira: Dança e Literatura (Música e Literatura, Arquitectura e Coleccionismo, Pinturas e Escultura e Banda Desenhada, Cinema e fotografia). A partir das 9 horas e com a duração de uma hora, “Conversas em torno das Artes em Angola” é um projecto de carácter artístico-cultural-pedagógico para ocupação dos tempos livres de crianças e jovens amantes das artes. Mas o acesso é livre e aberto a todos os interessados. Incentivar conversas com o público sobre temas actuais de arte, essas conversas informais são

possíveis momentos de trocas e de ampliação de compreensão e contribuição para desenvolverem o conhecimento artísticos. A música será o primeiro tema a ser abordado e numa primeira fase arranca no dia 14 e encerra no dia 16 de Agosto. Com esta iniciativa o MAAN pretende informalmente perceber as opiniões sobre o estado das artes em Angola. Levando um público interessado em aspectos relevantes em torno das artes que dominam e ou estão envolvidos directa ou indirectamente, ou ainda que possam influenciar as opiniões contrárias que possam surgir.

**Memorial António Agostinho Neto
Quarta-feira**

Recital de Poesia “Howl”

O escritor e jornalista José Luís Mendonça volta a actuar no Camões-Instituto Português para mais uma proposta cultural, desta feita o Recital de Poesia “Howl” com três grandes nomes da literatura dos EUA, Maya Angelou, Walt Whitman e Allen Ginsberg. Num contexto onde ainda escasseia literatura mundial, José Luís Mendonça pretende, com este recital inédito, dar a conhecer o público interessado, principalmente as gerações mais novas, um pouco de poesia de outras nações e povos, começando pela dos Estados Unidos da América, a menos conhecida e divulgada em Angola. Maya Angelou (1928-2014) actuou nos movimentos cívicos e com o seu livro de memórias “I Know why the caged bird sing” (eu sei porque o pássaro canta na gaiola), tem uma posição como uma das importantes da cultura americana e figura frequente em actos oficiais, Wat Whitman (1819-1892) é considerado o mais importante poeta americano do século XX e Allen Ginsberg foi uma das figuras mais importantes da chamada “Geração Beat” grupo de artistas que se manifestava contra os padrões convencionais da vida americana da década de 1950.

**Camões-Instituto Português
Terça-Feira**



Tecnologia

Huawei abre fábrica no Brasil em impulso de rede 5G

A Huawei planeia construir uma fábrica de 800 milhões de dólares no Estado de São Paulo nos próximos três anos, disse o governador paulista, à medida que a gigante chinesa de telecomunicações segue se expandindo na América Latina.

De acordo com a Reuters, numa gravação de uma conferência de imprensa na China, o governador João Doria, acompanhado de executivos da Huawei, disse que a empresa está a preparar-se para construir a fábrica para participar do primeiro leilão do espectro 5G no Brasil, programado para Março de 2020.

Segundo ainda a Reuters, a Huawei já tem uma fábrica em São Paulo, que emprega duas mil pessoas directamente, disse Doria. A Huawei vai decidir o local da próxima fábrica nos próximos meses, com o investimento de 800 milhões de dólares previsto para um período de três anos.

Não ficou claro se a fábrica será exclusivamente dedicada à tecnologia 5G, segundo duas fontes a par dos planos da Huawei. Em Abril, a Reuters informou que a empresa chinesa estava a fazer uma segunda tentativa de entrar no mercado brasileiro de smartphones com o lançamento de dois aparelhos sofisticados e contratando pessoas para administrar os negócios.

Inicialmente, os celulares seriam importados da China, mas a terceira maior fabricante de smartphones do mundo também avaliava a produção local.

Segundo a Reuters, o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pediu aos governos de todo o mundo que evitem a Huawei, argumentando que o seu equipamento pode ser vulnerável à espionagem chinesa.

Trump levantou a questão durante a visita do Presidente Jair Bolsonaro à Casa Branca, em Março. Mas o Vice-Presidente do país, Hamilton Mourão, disse em Junho que o Brasil não planeia proibir a Huawei de participar da sua rede 5G, dizendo que o Governo confia na empresa e que o país precisa de tecnologia. Concorrentes avaliam que a Huawei está sob pressão para aumentar a presença em mercados emergentes como Brasil e Rússia, após ser banida dos Estados Unidos, observando que a empresa provavelmente obterá incentivos fiscais do Governo paulista.

A nova fábrica produzirá para o mercado brasileiro e para outros países da América do Sul, disse o Governo de São Paulo.

A Ericsson da Suécia, e a Nokia da Finlândia, também têm fábricas em São Paulo e estão a competir para liderar a implantação do 5G no Brasil.

Ericsson e Nokia não responderam imediatamente ao pedido da Reuters para comentar o assunto.

Falha no WhatsApp permite manipulação de conversas

Uma ferramenta recém-lançada explora uma vulnerabilidade no WhatsApp e permite “colocar palavras na boca das pessoas”, segundo pesquisadores.

De acordo com BBC News, uma equipa da empresa de segurança cibernética Checkpoint demonstrou como a ferramenta pode ser usada para alterar o texto dentro de mensagens citadas – ou seja, naquele recurso que permite citar uma mensagem previamente enviada para comentá-la ou reagir a ela com um emoji, por exemplo –, fazendo com que pareça que uma pessoa disse algo que não falou.

O pesquisador Oded Vanunu disse à BBC que a ferramenta possibilita que “agentes maliciosos” manipulem conversas na plataforma.

Segundo a BBC, procurado, o Facebook, dono do WhatsApp, afirmou que revisou o problema um ano atrás e “que é falso sugerir que há uma vulnerabilidade na segurança que oferecemos” no app de mensagens.

“O cenário descrito aqui é apenas”, continua a nota da empresa, “o equivalente a alterar respostas em uma troca de emails para fazer parecer algo que uma pessoa não disse”.

A ferramenta, de acordo com a BBC, foi demonstrada na Black Hat, uma conferência de segurança cibernética em Las Vegas, como continuação de uma pesquisa publicada pela Checkpoint no ano passado.

“É uma vulnerabilidade que permite que um usuário mal-intencionado crie notícias falsas e fraudes”, explicou o Vanunu.

A ferramenta possibilita manipular o recurso de citação do WhatsApp para parecer que alguém escreveu algo que jamais escreveu.

“Você pode mudar completamente o que alguém diz”, disse Vanunu. “Você pode manipular completamente todos os personagens da citação.”

A ferramenta também permite que um invasor altere como o remetente da mensagem é identificado, tornando possível atribuir um comentário a uma fonte diferente.

Uma terceira questão destacada pelos pesquisadores foi corrigida com sucesso pelo Facebook. Essa falha poderia levar os usuários a acreditar que estavam a enviar uma mensagem privada para uma pessoa, quando, na verdade, a sua resposta tinha ido para um grupo público. Mas segundo Vanunu, o Facebook disse a eles que os outros problemas não poderiam ser resolvidos devido a “limitações de infraestrutura” no WhatsApp.